



INFORMATIVO

O TUIUTI



ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)

510 anos da descoberta da Ilha de São Francisco e do Rio da Prata por Juan Dias de Solis. 490 anos do início do 2º Ciclo econômico no Brasil, o do Açúcar. 480 anos da fundação de Santos, por Brás Cubas. 460 anos da fundação de São Sebastião do Rio de Janeiro. 410 anos da expulsão dos franceses do MA pelos luso-brasileiros. 400 anos da chegada a Salvador da esquadra de Dom Fadrique de Toledo Osório (Jornada dos Vassalos) e expulsão dos holandeses. 390 anos da perda do Arraial do Bom Jesus para os holandeses. Prisão de Domingos Fernandes Calabar e execução pelo Conselho de Guerra em Porto Calvo, acusado de alta traição em favor dos holandeses. 380 anos do início da Insurreição Pernambucana contra os holandeses e do Compromisso Imortal. Elevação do Brasil a Principado. 330 anos do início do Ciclo do Ouro. Morte de Zumbi dos Palmares. Destruição do quilombo de Palmares. 310 anos do II Tratado de Utrecht e devolução da Colônia do Sacramento a Portugal. 290 anos da Guerra Luso-Espanhola (até 1737) e da assunção do governo do Rio de Janeiro pelo Brigadeiro José da Silva Pais. 270 anos da criação da Companhia Geral de Comércio do Grão-Pará e Maranhão e criação da Capitania do Rio Negro. 260 anos do início da Derrama em Minas Gerais. 210 anos da elevação do Brasil à categoria de Reino Unido de Portugal e Algarves. 200 anos do reconhecimento da independência do Brasil por Portugal. Início da Guerra da Cisplatina. Nascimento de Dom Pedro II. 190 anos do início da Revolução Farroupilha. 180 anos do fim da Guerra dos Farrapos. 160 anos da Tomada de Corumbá pelo Paraguai. Declaração de guerra do Paraguai à Argentina e invasão de Corrientes. Tratado da Tríplice Aliança. Fim da Questão Christie. 150 anos do Regulamento Disciplinar do Exército. 130 anos do fim da Revolta Federalista no RS. 90 anos da Lei de Segurança Nacional e da vitória contra a Intentona Comunista. 80 anos das grandes conquistas da FEB na Itália e fim da 2ª GM. 70 anos da crise institucional de 1955. 60 anos do AI2. 30 anos da UNAVEM.

2025

Janeiro

Nº 471

EVOLUÇÃO DA ARTE BÉLICA - AS GUERRAS DOS BÔERES

Luiz Ernani Caminha Giorgis(*)

“A História Militar encontra-se na fronteira entre a Arte e a Ciência militares, de um lado, e a História Geral do outro lado. A História Militar ocupa-se com a confluência e a interação de fatores diplomáticos, políticos, econômicos, sociais e intelectuais e com as tendências militares na sociedade. Esta interação e esta confluência devem assentar-se no amplo desenvolvimento da História”.

Maurice Matloff¹

¹ Maurice Matloff (1915 - 14 de julho de 1993): historiador militar norte-americano. Foi o historiador-chefe do Exército e especialista em planejamento estratégico na Segunda Guerra Mundial.

Informações preliminares

Foram duas guerras bôeres, ou bôers. A primeira, entre 1880 e 1881. A segunda, entre 1899 e 1902. Ambas no sul da África – a África do Sul.

Bôer era a designação dos descendentes dos colonos que se estabeleceram na região nos séculos XVII e XVIII, provenientes dos Países Baixos, Alemanha, Dinamarca e França. A palavra é de origem holandesa e significa "camponês". Os bôeres também são conhecidos como "africânderes".

Estes confrontos armados ocorreram entre esses colonos, na maioria de origem holandesa e francesa, contra o Exército Britânico o qual, em nome da Coroa Britânica, tinha por objetivo se apoderar das minas de ouro e diamante então (1880) recentemente encontradas no território sul-africano.

O território foi descoberto pelos navegadores portugueses no século XV, como se sabe. No final do século XVI, holandeses e ingleses já usavam a rota do Cabo da Boa Esperança, hoje Cape Town, ou Cidade do Cabo (ao lado), no comércio com a Ásia.



Um naufrago holandês, em 1647, esteve na região e, ao voltar para a sua terra, recomendou que a Companhia Holandesa das Índias Orientais, a *Vereenigde Oost-Indische Compagnie*, instalasse ali um entreposto.

Sugestão aceita, em 7 de abril de 1652, Jan van Riebeck chegou e fundou um forte².

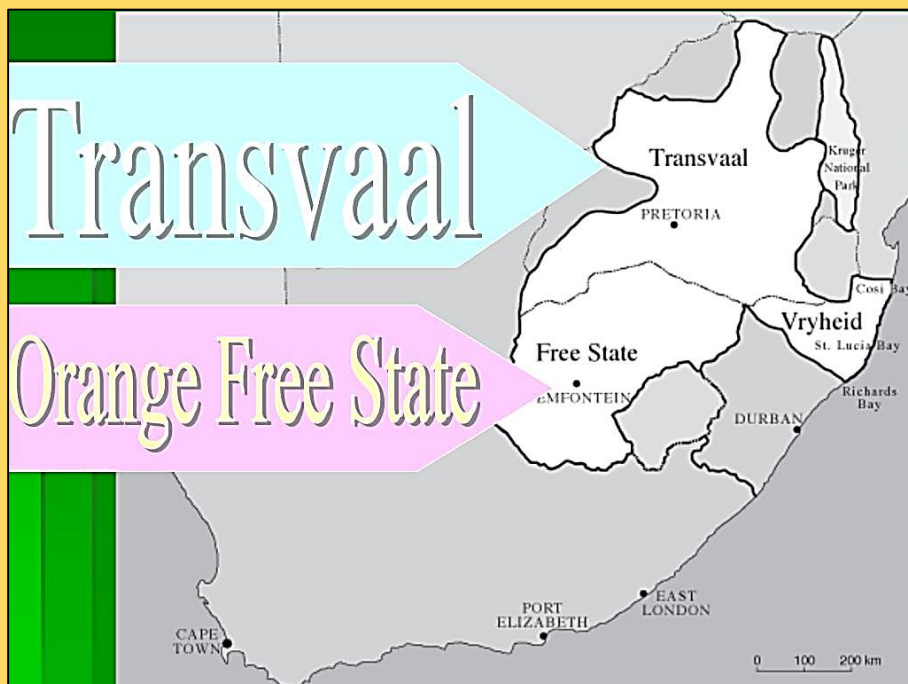
Nos primeiros dez anos a população do forte e em torno dele era formada por holandeses, alemães e huguenotes³.

A ocupação do território

No período das guerras napoleônicas, o Império Britânico objetivou impedir que os franceses tomassem conta – a manu militari, da Colônia do Cabo. Tomaram eles, os ingleses, a cidade em 1795. Em 1814, obtiveram a posse definitiva. Em 1833, o Parlamento Britânico aprovou a abolição da escravidão em todas as colônias inglesas, uma lei que traria sérias consequências.

² Fica bem claro que os primeiros europeus a chegarem à região foram os holandeses.

³ O protestante francês. A designação é de origem incerta, ou do genebrino Besançon Hughes ou do francês Eidguenot, que significava "confederados".



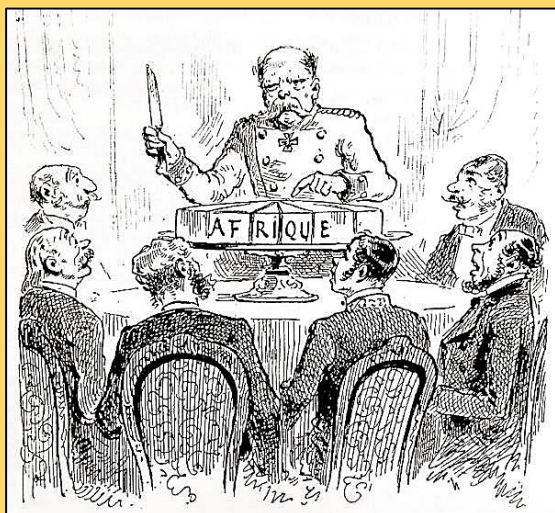
Entre 1835 e 1843, 12 mil afrikaneres migraram para além do Rio Vaal e se instalaram na região hoje conhecida como Transvaal. Outros se instalaram além do Rio Orange e formaram o Estado Livre de Orange (ao lado).

A “Velha Albion” reconheceu os direitos de auto-administração em 1854 e os dois territórios formaram repúblicas independentes.

E então, em 1870, surgiram as explosivas descobertas de minas de dia-

manete nos vales dos rios Vaal e Orange e de ouro na região de Witwatersrand⁴.

Foi a corrida do ouro e dos diamantes. Grandes indústrias de mineração surgiram, inclusive formando cartéis.



Entretanto, os ingleses haviam concedido a autodeterminação, mas não deixaram de exercer a dominação nas regiões citadas. Em 1880, os bôeres do Transvaal se revoltaram, liderados por Paul Kruger, um africano de origem prussiana. Foi a origem da primeira guerra.

A Conferência de Berlim (1884/85), proposta e controlada por Otto von Bismarck, Chanceler alemão, dividiu a África entre sete nações europeias (charge ao lado) e concedeu à Inglaterra a então chamada África Austral, que compreendia a região hoje conhecida como África do Sul.

A primeira Guerra Bôer

Este primeiro conflito estourou, conforme a BBC, em 16 de dezembro de 1880 com uma escaramuça entre a guarnição britânica em Potchefstroom e uma força de “Comandos” (Kommandos) sob o comando do general Piet Cronjé.

Esta primeira guerra ficou conhecida como a Guerra de Independência⁵ e nela Paul Kruger desempenhou um papel fundamental quando os bôeres venceram os ingleses na Batalha de Majuba, em 27 de fevereiro de 1881. Ela foi a última e decisiva batalha, depois

⁴ 61 Km a oeste de Pretória.

⁵ Os africanos atuais as designam como Guerras Anglo-Bôeres.

de vários confrontos menores. Foi uma das mais humilhantes derrotas sofridas pela Inglaterra em toda a sua História Militar⁶.



Na primeira batalha, a de Bronkhors-tspruit, em 20 de dezembro de 1880, os 250 ingleses do 94º Regimento de Infantaria, comandados pelo Tenente-Coronel Philip Robert Anstruther, escocês (ao lado), foram derrotados por uma tropa Bôer sob o comando de François Gerhardus Joubert.

Nesta primeira operação, antes mesmo do primeiro combate, Anstruther recebeu ordem de retornar de Lydenburg⁷ para socorrer Pretória, um percurso de 290 Km. Nesta marcha, a pé e com carretas carregadas de suprimentos, os bôeres confrontaram os britânicos e exigiram a cessação da mesma. O comandante inglês recusou e foi atacado⁸, sofrendo pesadas baixas. Rendeu-se 15 minutos depois. Os sobreviventes foram capturados. Anstruther, gravemente ferido, morreu dias depois.

A derrota seguinte foi na Batalha de Schuinshoogte ou de Ingogo (8 de fevereiro), quando os ingleses retraíram e evacuaram a região antes de serem terrivelmente massacrados.

Conforme o site <https://cprepmauss.com.br>:

Os bôeres, ferozmente independentes, não tinham exército regular. Quando o perigo ameaçava, todos os homens de um distrito formavam uma milícia organizada em unidades militares chamadas Comandos⁹ e elegiam oficiais. Cada Comando, sendo uma milícia civil, cada homem usava o que desejava, normalmente roupas cotidianas de cor cáqui, cinza escuro, de cor neutra ou tons terra, como jaqueta, calça e gorro. Cada homem trazia sua própria arma, geralmente um rifle de caça e seus próprios cavalos. Os cidadãos bôeres médios que compunham seus “Comandos” eram fazendeiros que haviam passado quase todas as suas vidas trabalhando na sela e tinham que depender tanto de seus cavalos quanto de seus rifles para (obter) quase toda a sua carne; eram caçadores habilidosos e peritos atiradores. A maioria dos Bôers (ao lado) tinha rifles de carga única, como o Westley Richards, o Martini-Henry ou o Snider-Enfield. Apenas alguns tinham armas de repetição como o Winchester ou o fuzil suíço Vetterli. Como caçadores, aprenderam a atirar da cobertura (sic), de

⁶ Entre as tropas britânicas estavam os tão exaltados highlanders, também derrotados. O comandante inglês era Sir George Pomeroy Colley.

⁷ Nome atual: Mashishing, situada 290 Km a Leste-NE de Pretória (entre o nordeste e o leste).

⁸ Na verdade, quase uma emboscada. Os ingleses não tiveram tempo de se preparar para revidar o ataque.

⁹ Origem (nominal) das tropas de “Comandos” de hoje em dia mas somente no nome. Os perfis são completamente diferentes, posto que os “Comandos” de hoje são militares profissionais, altamente treinados (Curso de Comandos), remunerados, atuam à noite (os bôeres não), as ações são rápidas e, entre outras características, os efetivos são bem menores (um Kommando bôer tinha entre 300 e 1.200 homens).

uma posição de bruços e fazer o primeiro tiro acertar o alvo, sabendo que, se errassem, pelo tempo que levaria para recarregar, o confronto teria acabado há muito tempo. Nas reuniões da comunidade, eles frequentemente realizavam competições de tiro ao alvo usando alvos como ovos de galinhas empoleirados em postes a mais de 100 jardas de distância. Os “Comandos” bôeres formavam uma cavalaria ligeira experiente, capaz de usar todos os fragmentos de cobertura de onde pudessem lançar fogo preciso e destrutivo aos britânicos. Os uniformes de infantaria britânicos naquela época eram jaquetas vermelhas, calças azul-escuras com canos vermelhos na lateral, capacetes brancos e equipamento de barro (sic), um forte contraste com a paisagem africana. Os Highlanders usavam o kilt. A arma de infantaria padrão era o rifle de carga única Martini-Henry, com uma baioneta longa. Os artilheiros da Artilharia Real usavam jaquetas azuis. Os atiradores bôeres podiam facilmente atacar as tropas britânicas à distância. Os Bôers não carregavam baionetas, deixando-os em grande desvantagem em combate aproximado, o que evitavam com a maior frequência possível. **Com base em anos de experiência no combate às escaramuças fronteiriças com numerosas e indígenas tribos africanas, eles se basearam mais em mobilidade, furtividade, pontaria e iniciativa, enquanto os britânicos enfatizavam os valores militares tradicionais de comando, disciplina, formação e poder de fogo sincronizado (grifo do autor).** O soldado britânico médio não era treinado para ser um atirador e tinha pouca prática de tiro ao alvo. O treinamento de tiro que os soldados britânicos tinham era principalmente como uma unidade atirando em voleios sob comando (sic).

Ou seja, claramente, um treinamento de forças de milícias utilizando táticas de guerrilhas contra um exército convencional, de práticas tradicionais, sem flexibilidade de ação.



BOER COMMANDO WITH HOWITZER.

BOERKOMMANDO MET HOWITZER

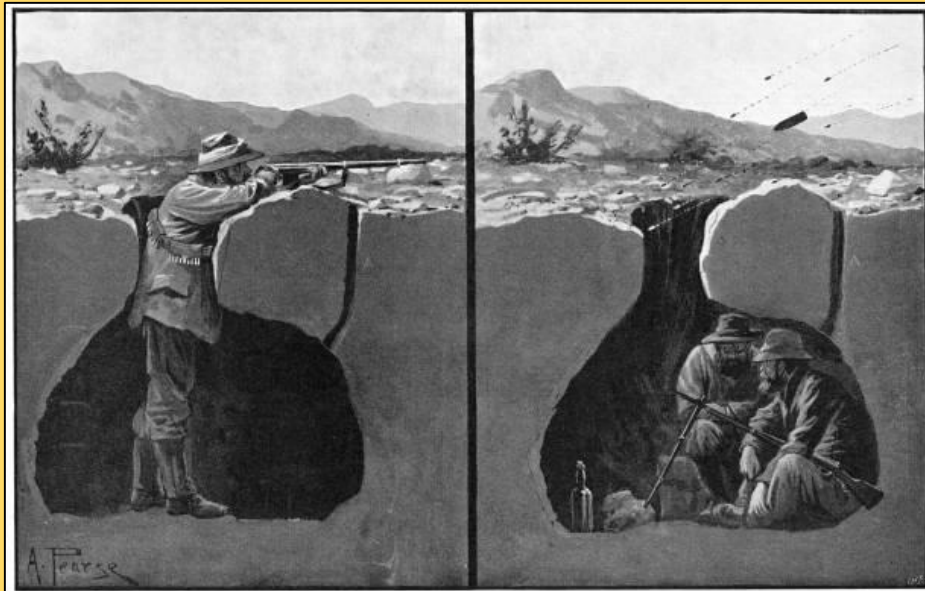
Ao lado, um Comando Bôer. Fonte: <https://www.gettyimages.com.br/fotos/boer-soldiers>

Finalmente, na Batalha de Majuba, ou de Majuba Hill, o desastre final, como já foi acima citado, em 27 de fevereiro de 1881.

Conforme o site www.calendarz.com:

O major-general britânico Sir George Pomeroy Colley ocupou o cume da colina na noite de 26/27 de fevereiro de 1881. O motivo de

Colley para ocupar Majuba Hill, perto de Volksrust, agora na África do Sul, pode ter sido a ansiedade de que os bôeres logo a ocupassem (antes dele), desde que ele (Colley) havia testemunhado suas trincheiras (bôeres) sendo cavadas na direção da colina. Os bôeres acreditavam que ele poderia estar tentando flanquear suas posições em Laing's Nek. A colina não foi considerada escalável pelos bôeres para fins militares e, portanto, pode ter sido a tentativa de Colley de enfatizar o poder britânico e causar medo no campo bôer.



Ao lado, entrincheiramento
bôer. Fonte: Getty images:
[https://www.gettyima-
ges.com.br/fotos/boer-soldi-
ers](https://www.gettyimages.com.br/fotos/boer-soldiers)

Majuba Hill é uma elevação que se ergue sobre o campo na fronteira do Transvaal. Colley a ocupou com 400 homens, os quais formavam duas companhias, uma do 92º Highlanders e outra do 58º Regimento, e mais a Brigada Naval.

Conforme a BBC, os Bôers invadiram a montanha usando terreno morto (ângulo morto)¹⁰ para chegar ao topo, atacaram e assim obtiveram uma vitória brilhante.

Os britânicos sofreram baixas de 46% – cinco oficiais e 87 homens foram mortos, mais oito oficiais e 123 homens feridos. Sete oficiais e 50 homens foram feitos prisioneiros. O comandante Colley estava entre os mortos. Os bôers perderam um homem morto e seis feridos, sendo que um destes morreu depois.

Derrotados, os britânicos tiveram de negociar (Convenção de Pretória), o que trouxe a restauração da independência do Transvaal, confirmada pela Convenção de Londres de 27 de fevereiro de 1884.

Os britânicos foram derrotados em todos os enfrentamentos. Forças milicianas altamente motivadas, conhecedoras do terreno, lutando contra invasores que empregaram técnicas convencionais e sem flexibilidade operacional tática, embora mais bem armados. A logística inglesa também teve sérias deficiências face às grandes distâncias e ao transporte dos suprimentos em carretas e no lombo de animais.

Este foi o primeiro round da luta, mas o segundo seria bem diferente, e os ingleses viraram o jogo. Aos fatos.

A segunda Guerra Bôer (11 de outubro de 1899 a 31 de maio de 1902)

A corrida do ouro em Witwatersrand (Transvaal) em 1886 trouxe um novo panorama à demanda de territórios e de poder.

E um novo personagem fez sentir sua enorme influência e poder: Cecil John Rhodes, inglês, colonizador da África e homem de negócios¹¹. Em 1896, Rhodes tentou derrubar o governo de Paul Kruger e falhou em sua tentativa mas isso atizou o nacionalismo africâner. Rhodes continuou trabalhando com mineração. Morreu em março de 1902.

Entraram em ação contra Kruger os altos funcionários do Império Britânico Sir Joseph Chamberlain e Sir Alfred Milner. E a situação se deteriorou de tal maneira que Paul

¹⁰ Deslocamento protegido das vistas e fogos do inimigo.

¹¹ Rhodes entrou no negócio de diamantes e de ouro em Kimberley e em Joanesburgo. É acusado de racismo antiafricano.

Kruger lançou um ultimato aos ingleses em 11 de outubro de 1899. A Grã-Bretanha rejeitou o ultimato, o qual propunha que as disputas fossem resolvidas por meio de arbitragem, além da retirada das tropas inglesas. A arrogância da Velha Albion não suportou.

E então os estados do Transvaal e de Orange começaram a se armar para o conflito.

Basicamente, os bôeres usaram os fuzis .450 Martini-Henry de tiro único e o Mauser 7 mm Modelo 95/96/97 alemão, que tinha um alcance máximo de 2.000 jardas (+- 1.828 m). Os ingleses usaram o .303 Lee-Metford de ferrolho e a versão melhorada do Lee-Enfield.

Nos cinco primeiros meses, os bôeres impuseram cercos aos ingleses em Natal (Ladysmith), Kimberley e Cabo. Em seguida, conforme a BBC:

De suas posições camufladas, os bôeres obtiveram vitórias impressionantes em Stormberg, Magersfontein e Colenso em meados de dezembro de 1899 (chamada de "Semana Negra" na Grã-Bretanha) e em Spioenkop em janeiro de 1900.

As características do Teatro de Operações eram as seguintes:

- amplas áreas, planas na maioria, favorecendo a mobilidade;
- terrenos desprovidos de árvores, exceto ao longo das margens dos rios;
- colinas isoladas; a Leste e a Oeste montanhas; e
- escassa água potável;

Cada distrito Bôer fornecia um Comando, variando de 300 a três mil homens. O comandante do Comando era eleito pelos integrantes. O comando geral era de um general designado pelo governo¹². Os comandantes de Comando eram assessorados por Chefes de Grupo (field cornets) e por Cabos, também eleitos.

A independência de cada combatente era mantida, ou seja, o Comando não podia impor nada e sim pedir voluntários (grifo do autor). A estratégia e tática a serem seguidas eram decididas nos Conselhos de Guerra. O bôer podia, quando quisesse, deixar o acampamento ou qualquer ação e se retirar, simplesmente. Mas isso gerou problemas. Um comandante – Ben Viljoen, teve problemas de insubordinação e criticava “as exageradas noções de liberdade de ação e de expressão que tinham os bôeres” (Weigley, 1981/82, p. 367).

De uma maneira geral, os bôeres enfrentavam os ingleses da forma como lutavam contra os indígenas e contra os animais ferozes. O combate corpo-a-corpo era evitado. Ao ocupar uma posição, o bôer deixava o cavalo à retaguarda, protegido, não somente para retrair mas para ocupar outra(s) posição(ões) quando fosse o caso. O cavalo era um tipo de pônei muito resistente e que podia fazer até 100 Km/dia.

O alimento básico do combatente em operações era a carne seca. A defensiva era sempre a preferência. Quando os bôeres, raramente, realizaram ataques em massa ou cargas de cavalaria, foram quase sempre derrotados. Seu grande predicado era o tiro de precisão, superando os ingleses, que atiravam mal. O fator decisivo dos sucessos bôeres foi a mobilidade. Quando os ingleses progrediam com as “Colunas Móveis” os bôeres simplesmente as deixavam passar e depois ocupavam a região novamente.

A partir de fevereiro de 1900 houve uma mudança definitiva no quadro. Kimberley e Ladysmith foram aliviadas dos cercos e o general Piet Cronjé¹³ foi derrotado na Batalha

¹² Foram comandantes, por exemplo, Louis Botha e Christiaan de Wet.

¹³ Cronjé introduziu na Infantaria o posicionamento na base das colinas em vez de no topo, para aumentar a eficácia das trajetórias planas de seus fuzis.

do Rio Modder (28 de novembro de 1899). Foi vitorioso, depois, frente ao General Paul Sanford Methuen na Batalha de Magersfontein¹⁴ em 11 de dezembro mas acabou se rendendo em Paardeberg com 4.000 bôeres frente ao General Lord Roberts.

Todas as frentes Bôer entraram em colapso. A capital do Estado Livre de Orange, Bloemfontein, foi tomada em 13 de março de 1900 por Roberts sem que um tiro sequer fosse disparado. Ele tomou também Pretória em 5 de junho.

Entretanto, liderados pelos generais Christiaan de Wet, Jan Smuts, Louis Botha e Koos de la Rey, e os líderes civis Marthinus Stein e Schalk Burgher, os bôeres

aplicaram a tática de reunir rapidamente seus Comandos dispersos sempre que a ocasião surgia, atacando colunas britânicas isoladas e então desaparecendo “no ar”. Dessa forma, a resistência de cerca de 20 mil bôeres continuaria por quase mais dois anos, no que é conhecida como a fase de guerrilha da guerra (BBC).

Roberts foi substituído pelo seu Chefe de Estado-Maior Lord Herbert Kitchener em novembro de 1900, o qual adotou uma estratégia tripla para acabar com a guerra¹⁵:

- política de "terra arrasada", na qual as repúblicas foram deliberada e sistematicamente devastadas para privar os guerrilheiros de comida e abrigo;
- algumas cidades e milhares de fazendas foram queimadas ou devastadas;
- destruição de suprimentos de comida com rebanhos de gado dizimados e plantações queimadas; e
- implantação de campos de concentração, inclusive com prisioneiros negros. A finalidade não era o extermínio, mas sim privar os comandos bôeres de suprimentos e induzir os mesmos a se renderem. Mas as coisas resultaram muito erradas, pela má administração dos campos pelos britânicos e sua falta de cuidado com os presos.

Pura crueldade britânica. Conforme a BBC:

A segunda Guerra dos Bôeres teve um grande impacto sobre as táticas britânicas usadas na Primeira Guerra Mundial. A guerra mostrou que os fuzis e a artilharia modernas forneciam maior precisão, alcance e taxas (sic) de tiro do que antes. Isso levou à crença em uma zona de fogo de maior profundidade e à necessidade de formações mais abertas. Uma das lições mais úteis foi a necessidade de cobertura para os atacantes. Durante a guerra na África do Sul, buscava-se terreno limpo na ofensiva e terreno acidentado na defesa. A nova ênfase em campos de tiro significou uma reversão na arte da guerra. E, finalmente, seguindo os franceses, os britânicos começaram a considerar **ataques frontais como decisivos**, dando-lhes “sanção oficial nos regulamentos de serviço de campo de 1912”¹⁶. Isso marcou o maior desvio em relação à experiência da Guerra dos Bôeres e dos ataques de flanco conforme as táticas de Lord Roberts.

¹⁴ Methuen sofreu uma séria derrota na Batalha de Magersfontein, na qual não conseguiu realizar um reconhecimento adequado e, conseqüentemente, sua artilharia bombardeou o lugar errado, levando a Brigada das Terras Altas, do Exército Inglês, a sofrer pesadas baixas. Mais tarde, ele foi capturado pelos bôeres em Tweebosch.

¹⁵ Na verdade, Kitchener herdou de Roberts a maioria dessas medidas extremas.

¹⁶ Ou seja, alterando a doutrina então existente.

Começaram a aparecer refugiados, muitos à beira da indigência, que fugiam dos próprios guerrilheiros. Isto criou, para os ingleses um grave problema. Muitos refugiados eram parentes dos guerrilheiros.

Quanto aos Prisioneiros de Guerra britânicos capturados eles eram frequentemente mantidos em campos improvisados de prisioneiros. As condições nesses campos podiam ser precárias, com comida, abrigo e cuidados médicos inadequados¹⁷.

Enfim, na área militar propriamente dita, Kitchener combinou três medidas:

- as casamatas, construídas em cadeias, ligadas por barreiras feitas com redes de arame farpado que impediam, pelo menos parcialmente, dos bôeres se deslocarem livremente pelos campos;
- as expedições de Colunas Móveis, que substituíram as Divisões, com mobilidade, fortes em Infantaria a pé e com trens de suprimento. A partir de maio de 1901, essas Colunas puderam contar com a Cavalaria. Entretanto, essa nova composição de forças foi frustrante, porque foram capturados poucos prisioneiros. Os números¹⁸ não traduzem isso;
- tropas de cavalaria em linha, apoiadas pelas linhas de casamatas (tipo pente-fino)¹⁹.
- as incursões noturnas de surpresa, sempre ao amanhecer, e “sempre com ímpeto, perícia e intrepidez comparáveis às dos bôeres” (Weigley, 1981/82, p. 380).

Estas técnicas todas, em conjunto, desgastaram e causaram desalento aos insurgentes. Era uma questão de tempo para a rendição.

Em 1902 (fevereiro), Kitchener propôs a cessação do fogo e reuniões entre os líderes bôeres e o comando inglês. Em 15 de maio aconteceu a primeira reunião e os bôeres aceitaram a derrota. Foi redigido um documento com os termos da rendição cujos termos estabeleceram o valor de três milhões de libras esterlinas como ajuda da Grã-Bretanha aos estados prejudicados.

Conclusões

Como conclusões, algumas ideias e generalizações são necessárias.

- combate à guerrilha: métodos, composição de forças e organizações formais não são adequadas;
- é necessário enfatizar a mobilidade;
- a estratégia será, necessariamente, de longo prazo;
- a opinião pública deve ser esclarecida;
- é necessário adotar e propor, para a rendição incondicional, medidas flexíveis;
- os graus de controle podem ser diferentes de acordo com as regiões do país em conflito;
- tolher a todo custo a chegada de ajuda externa para a força insurgente;
- atacar as fontes de suprimento;
- organizar as ações de evacuação das populações de maneira ordeira e respeitando as mesmas;

¹⁷ Um futuro ilustre personagem da História mundial que foi feito prisioneiro dos bôeres nesta segunda guerra foi Winston Leonard Spencer Churchill, o qual foi para a África do Sul para cobrir a guerra. Conseguiu fugir com a ajuda de um inglês. Aí começou a sua trajetória.

¹⁸ Até maio de 1902, uma Coluna de 2.500 combatentes montados cobriu 5.600 Km, teve 55 baixas, perdeu 1.617 cavalos, matou 45 bôeres, capturou outros 396, mais 391 carroças e 30 mil cabeças de gado (Weigley, 1981/82, p. 376).

¹⁹ Na primeira vez em que foi aplicada essa tática a linha, de nove mil homens, teve 85 Km de extensão e progrediu durante uma jornada. Foram capturados 1.100 bôeres e diversas carroças. Foi a medida mais eficiente.

- políticas de intimidação não dão bons resultados;
- ameaças podem ser feitas desde que factíveis; e, entre outras
- o controle das operações e sua execução não podem ser totalmente centralizadas.

Finalmente, durante todo o período de luta, os bôeres puderam convocar “acima de 60 mil combatentes, armados e montados” (Weigley, 1981/82, p. 384). Com o passar do tempo esse número foi diminuindo até chegar, no máximo, a 15 mil. Pelo lado inglês, o contrário: no início, 210 mil, efetivo que se manteve, principalmente na Segunda Guerra.

Historiadores sustentam que muitos ensinamentos colhidos pelos britânicos nestas guerras foram utilizados na Primeira Guerra Mundial.

Referências

BARSA, Enciclopédia. Rio de Janeiro, São Paulo: Edição de 1977, volume 1, p. 133.
 WEIGLEY, Russel F. (Org.). Novas dimensões da História Militar. Rio de Janeiro: BIBLIEx, 1981/82, 2º volume.
<https://cprepmauss.com.br>
www.bbc.co.uk/history/british/victorians/boer_wars_01.shtml
www.calendarz.com

(*) Coronel de Infantaria e Estado-Maior Veterano do Exército Brasileiro.

@@

ANISTIA E REVANCHISMO (1ª Parte)

General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva

Anistia não é senão o olvido absoluto do passado. Nem a história, nem o direito, nem a política a admitem senão como preparatório a uma nova ordem de cousas (Rui Barbosa). É importante fixar: “olvido absoluto do passado” e “preparatório a uma nova ordem de cousas”.

1. Anistia do ponto de vista político

Anistia é instrumento político de pacificação e não instrumento jurídico. Ela extingue o crime e a punibilidade de forma imediata e apenas no momento de sua promulgação.

As anistias pacificaram diversos contenciosos na história do Brasil. Se agora sua credibilidade for comprometida, nunca mais será um instrumento eficaz para a solução de conflitos. A anistia de 1979 não foi uma autoanistia como em outros países, mas sim ampla, geral e irrestrita.

Houve um processo legislativo com negociação aberta e ampla participação da sociedade, governo, oposição, mídia, OAB, Igreja, classe artística, ONGs e até ex-militantes da esquerda revolucionária.

Não havia mais Lei de Exceção, pois o AI5 fora revogado. Anistia ampla geral e irrestrita era condição essencial para a pacificação e redemocratização sem retrocessos. Essa foi a intenção do legislador (espírito da lei), ciente dos interesses maiores da sociedade. Se esse foi o espírito da lei – anistia ampla, geral e irrestrita – não se admite reinterpretações em um novo contexto histórico, distinto do que inspirou a lei original. Ela foi um pacto político sine qua non haveria a tão sonhada e pleiteada redemocratização (nova ordem de cousas, vide Rui Barbosa) e, sendo um pacto, tem que ser cumprido como reza o princípio jurídico pacta sunt servanda.

Rever a anistia é uma irresponsabilidade política e trará insegurança jurídica, puro revanchismo.

2. Anistia do ponto de vista jurídico (conceitos de anistia)

Anistia é o perdão que pode ser dado a indivíduos que precisam responder por seus crimes na Justiça. A concessão de anistia é mais relacionada a crimes políticos, e aquele que a recebe tem seus crimes apagados e sua ficha criminal limpa, tornando-se réu primário novamente. (<https://brasilecola.uol.com.br/politica/anistia.htm>) - A palavra “anistia” significa “esquecimento”.

Esse conceito está profundamente ligado à ideia de perdão estatal e ao desejo de apagar os efeitos de determinados crimes, especialmente de caráter político. Em termos jurídicos, anistia é o ato pelo qual o Poder Legislativo concede perdão em caráter oficial, extinguindo a punição imposta sobre determinado ilícito penal. (<https://relacoesexteriores.com.br/glossario/definicao-de-anistia/>).

Anistia é perdão concedido em caráter oficial. É um ato do legislativo em que ficam extintas as consequências de um fato punível e qualquer processo sobre ele. No significado atual, o ato de anistiar provoca o esquecimento das infrações cometidas [-] cria uma ficção jurídica como se as condutas ilícitas nunca tivessem sido praticadas (<https://www.significados.com.br/anistia/>).

Anistia, graça e indulto são formas de extinção da punibilidade, conforme artigo 107, inciso II, do Código Penal. Isso significa dizer que são benefícios concedidos aos presos, uma espécie 2 de “perdão”, que acaba com as punições. A anistia é benefício concedido pelo Congresso Nacional por Lei Federal que apaga a pena e todas suas consequências. (<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/graca-indulto-e-anistia>)

3. Anistia na Lei de 1979 e na EC Nr 26/1985

O texto da Lei de Anistia de 1979 diz que estão anistiados “todos os que cometeram crimes políticos e conexos”. E considerou como conexos os crimes de qualquer natureza relacionados com crimes políticos ou praticados por motivação política (Art.1º; §1º).

Como disse Sepúlveda Pertence, um dos representantes da OAB na elaboração da lei:

“Nenhuma voz se levantou para pôr em dúvida a interpretação de que o Art.1º; §1º implicava a anistia da tortura e dos assassinios perpetrados por servidores públicos”.

As tentativas de rever de forma unilateral a Lei de Anistia de 1979 são recorrentes. A OAB a questionou por meio da ADPF Nr 153/2010, sem sucesso, pois a AGU, a PGR, e o STF (por 7 votos a 2) se pronunciaram pela manutenção da abrangência irrestrita da Lei. Na ocasião, como votou o Relator do STF, então Ministro Eros Grau, a anistia de 1979 foi reafirmada e ampliada pela EC Nr 26/1985, que convocou a Assembleia Nacional Constituinte. O seu Art.4º; §1º diz:

“É concedida, igualmente, anistia aos autores de crimes políticos ou conexos, e aos dirigentes e representantes de organizações sindicais e estudantis, bem como aos servidores civis ou empregados que hajam sido demitidos ou dispensados por motivação exclusivamente política, com base em outros diplomas legais”.

Até o atentado no Rio Centro, que aconteceu em 1981, foi anistiado em 1985. Dessa forma os anistiados foram reanistiados.

4. Considerações finais

Por ser um instrumento político e não jurídico, a anistia se sobrepõe à lei, embora única e exclusivamente no momento da sua promulgação. A Lei de Anistia de 1979 foi decretada pelo Poder Legislativo, onde até hoje não prosperou nenhum projeto de lei para revisar sua abrangência conforme era a intenção do legislador de então.

Resultado de confiar em quem professa que “os fins justificam os meios”.

Essa operação, como contada pela esquerda, é uma versão factóide da história do combate à luta armada na América Latina, que uniu vários governos contra uma grave ameaça comum, a partir de novembro de 1975.

O nome mais apropriado seria Operação Condor Azul, pois houve também, de fato, a Operação Condor Vermelha integrando a esquerda revolucionária de vários países do Continente.

Em 1974 foi fundada em Paris a Junta de Coordenação Revolucionária

“integrada pelo Exército de Libertação Nacional (ELN) da Bolívia, Exército Revolucionário do Povo (ERP) da Argentina, Movimento de Libertação Nacional-Tupamaros (MLN-T) do Uruguai e o Movimento de Esquerda Revolucionário (MIR) do Chile. O secretário da Junta era Fernando Álvarez, da central de inteligência cubana [-] o MIR assim se referiu à criação da Junta: No campo internacional nosso partido redobrará a coordenação e trabalho conjunto [e] lutará para fortalecer e acelerar o processo de coordenação da esquerda revolucionária latino-americana e mundial [-] Chamamos a todas as organizações e movimentos irmãos a redobrar a luta em seus próprios países, a fortalecer e ampliar a Junta Coordenadora do Cone Sul” (ver Referência).

E ainda havia a OLAS (Organização Latino-Americana de Solidariedade), centrada em Cuba, que exportava a revolução marxista para toda a América Latina. Foi criada em 1966 em Havana, na Conferência Tricontinental, por consenso de todas as delegações presentes.

Como se verifica acima, não foram os governos que se uniram primeiro, mas sim os grupos armados da violenta e criminosa esquerda marxista revolucionária, cujo propósito era implantar ditaduras totalitárias no continente. Seu apoio, orientação e preparação de quadros vinham das matrizes marxistas totalitárias em Moscou, Havana, Europa Oriental e Pequim.

Sobre as ações ilegais, violentas e criminosas da Operação Condor Vermelha a esquerda hipócrita se cala.

No Brasil, se houve violações de DH de ambos os lados, todos os envolvidos estão anistiados e seus crimes prescritos, tendo o STF reconfirmado a anistia de 1979 em 2010.

Diante de ameaças comuns de qualquer natureza os órgãos de Segurança e ou de Defesa dos países afetados coordenam inteligência e operações. Nada de ilegal nisso.

No artigo citado como fonte básica deste texto, é destacada uma atuação conjunta e trans-territorial dos governos e de agências de inteligência e operações da França e da Espanha na repressão ao terrorismo da ETA, organização revolucionária do chamado país basco.

No Brasil,

“se a orientação e o apoio das guerrilhas de esquerda vinham da Rússia, China e Cuba - enfim, era um movimento internacional integrado - o que há de estranho no fato de os países do Cone Sul reunirem-se para se defender, já que todos eram atingidos?”

(General de Exército Leônidas Pires Gonçalves - História Oral do Exército/1964, Tomo 1, pg. 92).

(1) General de Brigada Veterano Luiz Eduardo Rocha Paiva (26 de outubro de 2024)

A fonte básica desse texto é o artigo “Operação Condor”, de Carlos Ilich Santos Azambuja - <https://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cat=Ensaios&cod=68457>

%%%

A FAB NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Compilado pelo Cel Schwerz

A Força Aérea Brasileira foi criada em 20 de janeiro de 1941, a partir da união da Aviação Naval, pertencente à Marinha do Brasil e da Aviação Militar, pertencente ao Exército Brasileiro, e teve o seu batismo de fogo na Segunda Guerra Mundial a partir do combate aos submarinos alemães e italianos que torpedeavam os navios da Marinha Mercante do Brasil responsáveis por transportar pessoas e mercadorias para a Europa.

O primeiro confronto com submarinos do eixo aconteceu em 22 de maio de 1942, data comemorativa da Aviação de Patrulha, e aconteceu quando um avião B-25, sediado em Fortaleza, avistou o submarino italiano BARBARIGO(1), que havia atacado o navio brasileiro Comandante Lyra quatro dias antes.

Era a oitava embarcação do País atingida pelas forças do Eixo.

O Barbarigo foi imediatamente atacado com uma salva de 10 bombas de 100 libras de emprego geral. A embarcação inimiga não afundou, mas aquele seria o primeiro submarino atacado pela FAB na Segunda Guerra Mundial.

Até o final do conflito no Atlântico Sul, onze deles foram afundados em cerca de 15 mil missões de patrulha realizadas pela Força Aérea Brasileira(2).

O afundamento de navios do Brasil pressionou o Governo brasileiro e precipitou a entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra.

A declaração de guerra ao Eixo foi oficializada em 31 de agosto de 1942.

Como aliado dos EUA, o Brasil foi beneficiado pelo “Lend and Lease Act”, recebendo equipamentos e treinamento para a entrada em combate.

O treinamento foi realizado nas duas unidades de instrução criadas no Brasil pelas forças americanas, em Natal-RN e no Galeão-RJ. Estas unidades eram conhecidas por United States – Brasil Air Training Unit (USBATU)(1).

E na esteira dos esforços de guerra a Base Aérea de Natal (BANT) foi criada em 2 de março de 1942, possibilitando a criação de uma Ponte Aérea entre Natal, no Brasil e Dakar, no Senegal, que operou de 1942 a 1943. Foi de lá que as tropas Aliadas puderam assaltar o Continente Africano e combater o "Afrika Korps" alemão.

É por este motivo que a Base Aérea de Natal foi chamada de “Trampolim da Vitória”.

No Teatro de Operações da Europa a Força Aérea Brasileira empregou duas unidades aéreas, sendo a menos conhecida a Primeira Esquadrilha de Ligação e Observação (1ª ELO), voando os L-41H, a versão militar dos HL Piper Cub, em apoio à 1ª Divisão de Artilharia Divisionária da Força Expedicionária Brasileira (FEB), com o objetivo de acompanhar os movimentos do inimigo e orientar o tiro da artilharia da FEB.

A 1ª ELO foi criada pelo Ministro da Aeronáutica por intermédio do Aviso nº 57, de 20 de julho de 1944 e aportou em Nápoles em 6 de outubro de 1944, junto com o 3º Escalão da FEB.

“A precisão dos tiros da artilharia da FEB tornou-se famosa na frente do V Exército (americano). Era a 1ª ELO que colaborava na regulação de tiro [...] A 1ª ELO tomou parte ativa em todas as principais ações da FEB: Monte Castelo, Belvedere, Della Torracia, Montese, Montebufone, Montello, La Serra, Vignolle, exerceu vigilância eficiente sobre os rios Panaro e Serchio, rio Enza e região sul de Collecchio, quando a 148ª Divisão de Infantaria alemã, sob o comando do General Otto Fretter Pico, rendeu-se incondicionalmente ao 6º RI”(3).

A 1ª ELO foi extinta pela Divisão de Artilharia Divisionária ainda na Itália.

Finalmente, a mais conhecidas das unidades aéreas da FAB, o 1º Grupo de Aviação de Caça, o Esquadrão Senta a Pua, foi criado pelo Decreto-Lei nº 6.123, de 18 de dezembro de 1943.

O Major Aviador Nero Moura foi destacado como Comandante do Esquadrão e liderou o Esquadrão na sua estruturação, preparação para a missão de guerra e operação na Europa. A preparação inicial foi feita em centros americanos localizados na Escola de Tática Aérea Aplicada da Aviação do Exército americano em Orlando, Flórida e em Aguadulce, no Panamá, finalizando a preparação dos pilotos em Suffolk, Estado de Nova Iorque, adaptando os pilotos nas aeronaves P-47D, que foram utilizadas na guerra.

O sucesso do 1º GAC foi reconhecido pelo Comandante do 350º Grupo de Caça do Exército dos EUA.

O dia 22 de abril de 1945, auge das vitórias do Esquadrão Senta a Pua, foi escolhido como o Dia da Aviação de Caça do Brasil. E, coroando o sucesso o Esquadrão de Caça do Brasil recebeu a Presidential Unit Citation americana, em 1986.

Notas e referências:

2 <https://www.edrotacultural.com.br/batismo-de-fogo-da-forca-aerea-brasileira-completa-78-anos/>

<https://www.abra-pc.com.br/a-aviacao-de-caca/datas-historicas/por-ordem-cronologica-dia-mes-ano>

<https://www.abra-pc.com.br/noticias/926-parnamirim-field-1944>

“OS MILITARES NÃO INICIAM GUERRAS. OS POLÍTICOS COMEÇAM GUERRAS”.

“Nenhum bastardo venceu morrendo por seu país.

Ele venceu fazendo o outro pobre filho da mãe morrer por seu país”.

General George Smith Patton.

Cel Inf EM Veterano Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com);

Site do NEE/CMS: www.nee.cms.eb.mil.br;

Site do Núcleo Militar de Gramado/Rainha do Mar: www.nucleo.com;

Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE - Delegacia Heróis de Guararapes:

<http://historiapatriota.blogspot.com>